

Contar & Conversar Brevíssima reflexão

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo: Porque será que se atribui às avozinhas a arte de contar? E tantos se impacientam quando alguém com fama de sério, dinâmico e profissional começa a contar alguma estória? Porque será que as pessoas já não dialogam, mas justapõem argumentos, em monólogos a que se chamam diálogos de surdos? Porque será que as pessoas dialogantes são tidas por frouxas, e os dogmáticos que apenas vociferam a sua pseudoverdade admirados e tão sufragados? Há uma crise civilizacional contemporânea do contar e do conversar, solidária da crise da cultura, da civilidade, da moderação, da educação. Aprendamos a conversar, voltemos a contar estórias.

Palavras Chave: Conversa, Diálogo, Contar, Estórias, Narrar.

Abstract: Why are grandmothers given the art of storytelling? And so many people get impatient when someone with a reputation for being serious, dynamic and professional starts telling a story? Why do people no longer dialogue, but just juxtapose arguments, in monologues that are called “dialogues of the deaf”? Why are people who engage in dialogue considered to be weak, and dogmatists who only shout their pseudo-truth admired and voted? There is a contemporary civilizational crisis of telling and talking, in solidarity with the crisis of culture, civility, moderation, education. Let's learn to dialogue, let's tell stories again.

Keywords: Conversation, Dialogue, Telling, Stories, Narrating.

*Reading maketh a full man;
conference a ready man; and writing an exact
man; and, therefore, if a man write little, he
had need have a great memory; if he confer
little, he had need have a present wit; and if
he read little, he had need have much
cunning, to seem to know that he doth not.*

Francis Bacon, *Essays*, L. “Of Studies”, 1597

I. Escopo

Francis Bacon, numa passagem brilhante dos seus *Ensaios*, explica a interconexão entre os três pilares dos estudos e da aprendizagem em geral: a leitura, a conversa e a escrita. Sem qualquer deles, é necessário suprir essa deficiência com muito engenho e arte (e, na verdade, alguma dissimulação e desenvoltura). Na presente brevíssima explanação, concentrar-nos-emos apenas na conversa, em conexão com o contar².

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça de Portugal. Professor Catedrático da Universidade do Porto (em licença para o exercício da magistratura).

² Para brilhantes e profundos desenvolvimentos da questão da conversa, entre nós, cf. BRANDÃO, António José – “Sobre a Essência da Conversa”, in *Vigência e Temporalidade do Direito e outros ensaios de filosofia jurídica*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001, p. 369 ss.

Contar e conversar, conversar e contar entretêm entre si abundantes interseções. Umhas claras, evidentes, fanéricas, outras mais subtis ou crypticas. Resumindo num par de frases: quem conta pode apenas monologar formalmente, mas procura, de algum modo, conversar, ao fazê-lo. Quem conversa, conta, algo conta sempre. Salvo uma conversa que seja um completo vácuo (dificilmente concebível, contudo), há sempre uma mensagem a transmitir... por mais mísera e mesquinha que possa ser.

São ambas funções importantíssimas da própria convivialidade. E assim, da própria humanidade da Pessoa. Porquanto a sociabilidade (de que a convivialidade é parte integrante) é própria do Homem: só afastada por *excellencia naturae*, *corruptio naturae* ou *mala fortuna*, segundo São Tomás de Aquino. O santo ermitão, certo tipo de insociáveis loucos, ou o náufrago aportado a uma ilha deserta, esses não convivem a não ser consigo próprios. E mesmo não deixarão, eventualmente, pelo menos alguns, de “falar com os seus botões”, se os tiverem.

Vida conversável é grande livro de Agostinho da Silva³: e na verdade tautológico título, porque não há vida sem conversa, e sem que se conte. Neste pequeno escrito vamos tecer algumas reflexões sobre aspetos desses pilares de Humanidade: contar – coisas reais, históricas, ou ficcionais, imaginadas, mas aqui sobretudo pensando nestas últimas, e conversar, trocar ideias, experiências, dialogar...

II. Regularidades & Surpresas do Contar

1. Uma das grandes minas da escrita, assim como de toda a produção ou criação (não entremos agora nessa polémica, *vexata quaestio*) que implica a palavra e a trama que ela tece (por causa da sua narratividade, sequencialidade: o mesmo não ocorre em obras mais ou menos intrinsecamente ucrónicas, como as das artes plásticas – embora possa haver exceções⁴), é, sem dúvida, o efeito de surpresa, *Verfremdungseffekt*, típico do Teatro, mas que a ele está longe de se limitar (Montesquieu, no seu excelente ensaio / verbete, fala já dos “prazeres da surpresa”⁵). Sobretudo esse efeito final dá em regra um remate, pelo menos digno, ou aceitável. Se não brilhante até, por surpreendente.

Outra das vias de fazer levantar voo um texto, escrito ou oral, eventualmente até filmado, ou cantado em ópera ou afim, é a coincidência. O avolumar de indícios, que parecem fazer sentido em conjunto, cria uma sensação de ordem (por vezes até tenebrosa, inquietante, amedrontadora...), que pelo menos intriga, prende a atenção, se não mesmo cativa.

Com coincidências significativas⁶, fios invisíveis (que se vão deixando aperceber, num avolumar) a unirem as situações e as personagens, por um lado, e um

³ SILVA, Agostinho da – *Vida Conversável*, org. e pref. de Henryk Siewierski, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.

⁴ Há, por exemplo, uma certa narratividade ao pensarmos que uma obra arquitetónica pode ser percorrida, no seu interior... Lembremo-nos até das analogias que tal sugeriu, nomeadamente com os “palácios da memória”...

⁵ MONTESQUIEU – *Essai sur le goût*, 1757 (inacabado e póstumo, inicialmente publicado na Enciclopédia dirigida por Diderot e D’Alembert), cap. VIII.

⁶ Cf. KHIAT, Yasmine – *Pourquoi les coïncidences nous troublent-elles tant ?*, in “Le Magazine philosophique”, ed. online: https://www.philomag.com/articles/pourquoi-les-coïncidences-nous-troublent-elles-tant?utm_source=Philosophie+magazine&utm_campaign=ba48467730-mailchimp_COPY_07&utm_medium=email&utm_term=0_dee8ebacdf-ba48467730-218092281

conjunto de efeitos de surpresa, até à surpresa final – que pode ser um *deus ex machina* –, por outro, a receita narrativa parece ser suficiente. Não precisando nós de recorrer à que *in nihilo tempore* nos forneceu, bem-humorado, Almeida Garrett⁷ ou a qualquer outra, sempre demasiado concretas, afinal.

O problema reside em saber se estes condimentos formais da escrita chegam para que possamos compor um livro, um filme, uma peça de teatro de qualidade, ou apenas um simples entretenimento ou um mero exercício. Aliás, hoje há muitas glórias meramente insufladas pelas trombetas de famas mediáticas. Georges Gusdorf (mas não é de modo algum o único a pensá-lo, nem sequer a dizê-lo) era impiedoso para com esse mediatismo que leva em andores de Fama e Fortuna novas glórias sem mérito: “L’une des fonctions du journalisme est de détecter les célébrités et au besoin de les fabriquer de toutes pièces”⁸. Não será afinal outra forma de criação de factos por simples via da comunicação social, até outra modalidade ou especialidade de *fake news*? Como apontava Erico Veríssimo: “Pertença a uma era em que os correspondentes escreviam sobre os acontecimentos. Vocês os modernos querem competir com Deus Nosso Senhor. Não só procuram dar hoje as notícias de amanhã como também se avocam o direito de, na falta de notícias, criarem acontecimentos para depois escreverem sobre eles!”⁹

Para que se eleve da técnica ao talento e deste ao génio é preciso um *quid*, um *je-ne-sais-quoi* que já foi afirmado e negado de mil maneiras pela teoria e pela crítica, mas que, a nosso muito modesto e leigo entender, continua, seja lá o que for e como for, a ser a única razão (inefável) do grande valor de uma obra. Se preferirmos, aquilo que faz com que uma certa obra seja mesmo obra de arte, independentemente do simples testemunho epocal, civilizacional, político, ou outro, ou da simples condição de fama, institucionalização (ou contra institucionalização), “encadernação”, ou “emolduramento”¹⁰.

Porém, com a decadência do gosto¹¹, da formação artística (e da cultura em geral) não apenas é natural que se celebrem obras sem qualquer mérito (e até com outrora bem notório demérito), por um rol de razões que vão quase sempre do *marketing* à ideologia, como se ignorem ou apedrejem (e queimem em piras inquisitoriais) algumas que o possuem. Sempre o público é juiz nestas questões (mas não é homogéneo...), e a crítica, por muito competente e imparcial, é apenas uma pequena parte do público, com variada influência nele... dependendo de muitos fatores. Umberto Eco foi dos que não se coibiram de criticar a incultura de massas em que nos mergulharam¹².

(consultado em 22 de novembro de 2023), compilando as opiniões de Cícero, Bayle, André Breton, e Jung.

⁷ V. GARRETT, Almeida – *Viagens na minha terra*, introd. e notas de Augusto da Costa Dias, Lisboa, Portugália Editora, 2.^a ed., 1963, pp. 34-35.

⁸ GUSDORF, Georges – *Le Crépuscule des illusions. Mémoires intempestifs*, Paris, Paris, La Table Ronde, 2002, p. 335.

⁹ VERÍSSIMO, Erico – *O Senhor Embaixador*, ed. de São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 17.

¹⁰ Sobre estes problemas de teoria da arte, cf. o nosso “Fenomenologia do Artístico. Da delimitação e autonomia da Arte”, in *Filosofia Jurídica Prática*, Lisboa, Quid Juris, 2009, p. 523 ss..

¹¹ Obra ainda genial sobre a matéria é o *Essai sur le goût*, de Montesquieu. De modo algum consideramos alinhar pela “hostilidade ao novo” escalpelizada e criticada por ADORNO, Theodor W. – *Ästhetische Theorie Paralipomena Frühe Einleitung*, trad. port. de Artur Morão, *Experiência. Criação Artística. Paralipómenos à ‘Teoria Estética’*, Lisboa, Edições 70, 2003, p. 25. É toda uma outra questão.

¹² Em múltiplas obras suas, mas de que destacamos (para mais porque a dado passo em diálogo com as interessantes observações sobre alienação popular pelo “romance-folhetim” em GRAMSCI, António – *Letteratura e vita nazionale*, (III), *Letteratura popolare*) ECO, Umberto – *Apocalípticos e Integrados*, 5.^a ed. bras., São Paulo, Perspectiva, 1993, v.g. p. 192 ss..

Jamais se resolverá a questão. Arriscaríamos a dizer, porém, que a obra sem chispa, sem mérito, se assemelha muito à criada pela inteligência artificial à solta que, pelo menos por agora, e cremos que para sempre (mas quem o poderá mesmo garantir?) é incapaz de criar o inimitável – o génio. Nem sequer aquele pequeno *quid* que faz saltar um trabalho do suficiente ou bonzinho para o mais notável. Faz, muitas vezes, pelo que se tem visto, trabalhos escolares aceitáveis, quando não confunde tudo... e aí é o caos.

Leonard Bernstein, confrontando-se com as tentativas de avaliação artística até contabilizadoras, explicou cabalmente a insusceptibilidade de explicação, porque se está num domínio “mágico”: “Se a *Eroica* merece um valor de 3.2, que nota darão ao *Tristão* ou a um pequeno prelúdio de Bach? Balbuciamos. Ensaíamos métodos científicos nas nossas tentativas de explicar fenómenos ‘mágicos’ como se fossem factos, forças, massa, energia”¹³.

2. Parece interessante registar que as duas fórmulas mágicas para que a ficção ganhe interesse acabarão por ser, de algum modo, complementares porque contraditórias.

Pois vejamos então.

O vetor da coincidência, sendo algo surpreendente em si mesmo, de certa forma reforça a ideia de que todas as coisas estarão ligadas e a tudo presidirá um sentido, uma ordem (eventualmente uma Providência ou sabedoria e onisciência / onipotência do “Universo”, como agora se gosta de dizer e talvez mesmo acreditar) que as conecta e harmoniza.

Já o vetor da surpresa parece infirmar essa primeira tese: pois mesmo o que se cria consabido, integrado numa regularidade ou num padrão, acaba por não funcionar exatamente assim, sair “da caixa” e as coisas acabam por nos espantar.

Cremos que a nossa sensibilidade funciona precisamente entre polos contraditórios, mas que não existem um sem o outro. Ao mesmo tempo nos afeiçoamos à rotina, acarinhámos a segurança, nos abrigamos na ordem, e, por outro lado, nos excitamos na aventura, nos seduz a surpresa, nos exalta a novidade.

Notamos empiricamente que as mesmas pessoas que parecem desprovidas de sentido de humor aparentemente gostarão também de rotinas e certezas. Enquanto as mais aventureiras são normalmente mais sensíveis às graças e aos paradoxos que fazem rir. Mas ninguém é totalmente sisudo nem completamente dado ao imprevisto e ao risco. Por isso, a obra de arte de palavra (focamo-nos aqui nesta apenas) pode cultivar formas mais pícaras ou mais plácidas. Mas precisa sempre de o fazer com elementos de conexão com as tradições (o cânone) e de fuga delas (a rutura). Recordando Gilberto Freyre, entre aventura e rotina¹⁴, sempre.

II. De Alguns Tipos de Conversa

1. Uma boa conversa, um bom conversador, são, efetivamente e sem qualquer exagero, uma alegria para sempre, “a joy for ever” – para glosarmos o *Endymion*, de

¹³ BERNSTEIN, Leonard – *The Joy of Music*, Nova Iorque, Simon and Schuster, 1954, trad. port. de Manuel Jorge Veloso, *O Mundo da Música*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 13.

¹⁴ FREYRE, Gilberto – *Aventura e Rotina*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d.

Keats: “A thing of beauty is a joy for ever”¹⁵. Não apenas um gosto passageiro, mas uma alegria perene.

Também somos do tempo em que o mutismo era reservado a “Pachecos” queirosianos, mudos e quedos como esfinges, que deviam a sua fama ao seu silêncio, aureolado de famas postiças – e por isso marinharam a todos os grandes postos e ganharam a reputação de *ter imenso talento*. Agostinho da Silva tem um poema deveras significativo sobre o paradigma do novo “Pacheco”, que marinhou a gerente de estatal, secretário de estado e prefeito (cremos que o terá escrito no Brasil).

Os “Pachecos” não nos seduzem. Vamos mais com aquele António Saavedra de que fala Luís Forjaz Trigueiros: “António Saavedra pertencia a uma geração para quem ‘fazer conversa’ constituiu dever de sociedade”¹⁶. Não apenas conversar, mas até o simples “fazer conversa” (que se dizia com significado próximo de “fazer sala”) era dever social. E os deveres têm as suas “corveias”...

Por entre os escaninhos de uma obra de uma vida como é, por exemplo o *Livre des pages* de Michel Villey, pudemos encontrar um breve desabafo, em que ele como que deplora algum convívio familiar. Confessamos que nos surpreendeu esta referência, num autor que, embora fosse iconoclasta em matéria jurídica face ao positivismo imperante, em geral se poderia certamente considerar latamente conservador em termos sociais. Mas é mais uma confirmação de que não há personagens planas. Pelo menos, será difícil haver primeiras personagens planas, a menos que estejamos numa encenação de teatro de papelão para crianças pequenas e muito maniqueístas.

Creemos ser legítimo interpretar que o grande filósofo do Direito acharia, decerto, algumas conversas provavelmente bastante formais, superficiais ou maçadoras, mesmo sabendo-se que a sua família integrava grandes vultos intelectuais... Muito provavelmente, não se referia a esses, mas a personagens menores que, em certos ambientes, acabam por assumir protagonismos inusitados. E os papéis passam a inverter-se. Um dia contaram-nos, no estrangeiro, terem ouvido uma conversa deplorável num *shopping* entre uma grande figura e sua mãe, em que obviamente a obscura senhora tiranizava o filho. Quem diria!

Acresce que há nas conversas uma espécie de lei da gravidade. Theodor W. Adorno explica-o na sua *Minima Moralia*¹⁷: basta haver uma pessoa que puxe para baixo o nível da conversa, que esse facto pesa para a descida geral da elevação. Aplica-se então uma espécie de contágio de uniformização pelo mínimo denominador comum, o que significa nivelamento pelo mais rasteiro. Todos os partícipes da roda dialógica são arrastados... porque ninguém quer deixar de fazer ouvir a sua voz e de ser entendido. E alguns só compreendem coisas muito elementares. Já nem falamos, porque não seria o caso, do nivelamento das conversas em comentários nas redes sociais e na *Internet* em geral. Ou seja, o mais que pode fazer alguém com coisas interessantes e importantes para dizer, num círculo em que pelo menos um não quer saber nada disso, mas tem outros interesses e prioridades, outras “narrativas” a impor, será o afastar-se ou calar-se.

¹⁵ KEATS, John – *Endymion*, Londres, Taylor and Hessey, 1818 (primeiro verso).

¹⁶ FORJAZ TRIGUEIROS, Luís – “A Casa do outro Mundo”, in *Ainda há estrelas no céu*, 2.ª ed., Lisboa, Verbo, 1972, p. 46.

¹⁷ “Até na mais reduzida comunidade, o nível obedece ao do mais subalterno dos seus membros. Assim, quem na conversação fala de coisas fora do alcance de um só que seja comete uma falta de tacto. O diálogo limita-se, por motivos de humanidade, ao mais chão, ao mais monótono e banal, quando na presença de um só ‘inumano’. (...) A conjura pelo positivo actua como uma força gravitatória, que tudo atrai para baixo.” ADORNO, Th. W. – *Minima Moralia Reflexionen ans dem beschädigten Leben*, Berlim / Francoforte, Suhrkamp, ed. 2001 (1.ª ed.1951), 118.

Com todas estas voltas, acabamos continuando intrigado com o que teria maçado o grande Professor de Paris. Mas não deixa de ser uma referência importante, porque, para mais aproximando-se o Natal, há uma romantização de diálogos familiares, que por vezes são excelentes (tivemos pessoalmente há uns meses uma excelente experiência disso) mas outras vezes podem ser penosíssimos, e suportados apenas pela necessidade das aparências.

2.“Fulano era um grande conversador” – tal é o epitáfio social a que certamente muito poucos aspirarão hoje em dia. Em tempos de grande solidão geral, em que as temáticas que parecem interessar as massas são afinal banalíssimas, desinteressantes, como pode alguém alçar-se a querer ser grande conversador?

É que afigura-se-nos que ser-se um grande conversador não apenas se prenderá com carisma e com estilo, como igualmente com a excelência e elevação do tema. Não estamos a ver grandes conversadores de temas muito menores. Apesar de que *est modus in rebus*, e pode a conversa (assim como a pena de alguns) nobilitar até coisas comuns (por exemplo, as *poikilia* gregas...). Porém, é preciso ser-se um muito bom conversador (e talvez não só) para elevar a banalidade. Embora reconheçamos um ou outro, devemos confessar que serão raros esses transmutadores. É preciso ter-se que dizer, ainda que o pretexto possa ser banal. O problema, afinal, passa a não ser o aparente assunto, mas o que está por detrás dele, como se trata, e o que se veicula.

Sem essa qualidade, sem essa elevação, acrescenta-se apenas banalidade a banalidade. Lamentamos. Hoje se diria uma frase assassina, que releva de muito desprezo e indiferença: “- Temos pena!” – com a embutida ironia, talvez mesmo ácido e superior sarcasmo.

Já pouco se escuta: “Era um grande conversador!”. Para gentes já passadas, ainda se diz: “Era um grande orador”. Mas isso é para os que brilharam nas tribunas dos comícios ou dos parlamentos. E aí vão escasseando, tal a invasão do discurso caceteiro e do discurso tecnocrático, gémeos inimigos que exilam a retórica, a boa retórica. Esmagar o adversário, feito inimigo, com o martelo da prestidigitação dos números ou o camartelo das mentiras e dos insultos não é boa oratória, é péssima – embora haja cada vez menos público formado para o compreender. Não se pode confundir gritaria e exaltação ou enfadonho desfilar estatístico ou afim (e contabilidades “criativas”) com boa oratória...

Grande conversador era aquele ancião, ou ainda não tanto, que na poltrona do clube, ou mesmo à mesa do café, conseguia hipnotizar um auditório com a sedução da sua palavra e a profundidade e elevação do conteúdo do que dizia.

O orador era campeão da exterioridade do verbo da ação. O conversador era o virtuoso da palavra de pensamento e beleza. Aquele pontificava na Ágora e no Parlamento. Este tinha o seu altar de culto na tertúlia, à sombra, para um grupo mais restrito. Um revelou-se massivo; o outro (no que a palavra possa ainda guardar de positivo depois de tantos abastardamentos) era insofismavelmente elitista. Mas no bom sentido. De há muito que se perdeu a noção da importância democrática das elites e se confundem com oligarquias... Citemos, por exemplo, Gusdorf: “les membres d’une élite, si j’ose employer ce mot qui fait horreur à nos contemporains (...)”¹⁸.

¹⁸ GUSDORF, Georges – *Le Crépuscule des illusions. Mémoires intempestifs*, cit., p. 171.

3. Vemos, num primeiro relance, duas ótimas formas de conversar.

Numa, está o conversador ou a conversadora como que em “modo de tertúlia”, embora os olhos e sobretudo os ouvidos dos demais estejam em si postos. Não é uma relação completamente ou permanentemente igualitária – depende muito de numa tertúlia haver apenas um mestre, animador, ou afim, ou vários... As dinâmicas são diferentes consoante os casos.

De preferência, quem é o animador, ou melhor, o centro da conversa, encontra-se sentado em poiso confortável, normalmente uma poltrona ou afim, individual e não partilhada (como seria um sofá de vários lugares), que lhe serve de trono.

Na outra hipótese, há um diálogo, em geral a dois, embora possa haver um que será quem principalmente fala: e é muitas vezes peripatético. Pela fresca de um parque, de um jardim público (ou, eventualmente, mas mais infrequentemente, privado), na praia, numa avenida à beira-mar, vão duas pessoas conversando, mas sempre imbuídas da magia de discutirem assuntos importantes e elevados, e nunca bagatelas, e menos ainda intrigas, nas quais podemos incluir toda a geral maledicência. A que se acrescenta a bazófia, o “contar vantagem” tão típico, e não só improdutivo como contraproducente.

Há algo de sagrado no falar. Não criou Deus pela Palavra (desde logo o *fiat lux*), não era no princípio o Verbo?¹⁹ O “deitar / jogar conversa fora”, como se diz no Brasil, é uma profanação do que é sagrado: não apenas no sentido religioso ou numinoso, como na mais laica das aceções: é uma forma de desumanização, dado que a Pessoa Humana é animal antes de mais falante, porque pensante – digam os intelectualismos complicadores o que disserem.

Os nossos contemporâneos cada vez menos sabem que as palavras – de prata ou de ouro, não importa – são sempre mágicas. E pode ser que não consigam alcançar os prodígios demiúrgicos que tantos esotericamente lhes atribuem. Mas produzem ao menos em quem as diz e em quem as ouve (ou escreve e lê) inafastáveis resultados. Senão, como diria a Veladora de Fernando Pessoa, porque estaríamos nós “falando ainda”?²⁰

Recebido para publicação em 22-01-23; aceito em 29-11-23

¹⁹ Gén. I, 3. Jo. I, 1.

²⁰ PESSOA, Fernando – *O Marinheiro*, in *Poemas Dramáticos*, Lisboa, Ática, s/d.